

SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS COM GRUPO DE ADOLESCENTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Thuany BREDA - Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz ¹
Fabieli de MARTINI - Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz ²
Izabele ZASSO - Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz ³

RESUMO: O presente artigo trata-se de um relato de experiência de estágio de grupos realizado com adolescentes, sob a visão da psicologia. Esse estágio aconteceu em um Centro de Referência de Assistência Social do município de Cascavel – PR. O público atendido são adolescentes que possuem entre 12 e 14 anos, e que são usuários dos serviços oferecidos pelo CRAS. O grupo faz parte do Serviço de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos - SCFV, esse que tem como objetivo a troca de experiências, vivências e culturas entre os usuários, para que dessa forma se sintam pertencidos e possam estruturar sua identidade. Dentro dos encontros foram trabalhados diversos temas e utilizados variados meios de levar os assuntos pertinentes aos adolescentes. As atividades foram desenvolvidas através das demandas levantadas durante os encontros. Diante disso as intervenções foram utilizadas para fortalecer os vínculos familiares e comunitários bem como contribuir o desenvolvimento da autonomia dos adolescentes enquanto sujeitos, tendo consciência de seus direitos e deveres, como cidadãos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência, identidade, sexualidade, vínculos.

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho serão explanados tópicos em relação ao Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, bem como, aspectos presentes no período da adolescência. O relato que segue se refere a experiência de estágio de duas alunas do sétimo período do curso de psicologia, essas que conduziram o grupo de adolescentes do SCFV no CRAS.

De acordo com o MDS (2015), o Centro de Referência de Assistência Social CRAS é um órgão público, que fornece atendimento a comunidade, e localiza-se em

¹Aluna do curso de graduação em psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 7º período.
Email: tbreda@minha.fag.edu.br

² Aluna do curso de graduação em psicologia, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. 7º período.
Email: fabielidemartini@hotmail.com

³ Psicanalista, Mestre em Direitos Humanos, Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email:
izabelezasso@outlook.com

áreas que possui maior vulnerabilidade social. O CRAS é a área que disponibiliza o primeiro acesso aos usuários com os demais serviços prestados pela Assistência Social. Os serviços e benefícios que são oferecidos pelo CRAS possuem o objetivo de auxiliar no fortalecimento de vínculos das famílias e da comunidade que são atendidas.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos são serviços oferecidos em grupos, e tem a finalidade de fortalecer os vínculos sociais, comunitários e familiares, de acordo com o ciclo de vida dos usuários. Os objetivos do SCFV são o de prevenir situações de vulnerabilidade social juntamente com os outros serviços oferecidos pela assistência social. “Além disso, o SCFV fortalece as relações familiares e comunitárias e promove a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva.” (SECRETARIA DA FAMÍLIA E DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, s/p)

Para Calligaris (2000), a adolescência é um tempo de assimilar os valores mais banais, que são compartilhados na comunidade, fase em que o corpo chega a maturação necessária para que possa se consagrar efetivamente as tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo assim, de igual para igual com todos, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto. A adolescência em nossa cultura é um enigma, pois essa moratória é mal justificada, contradizendo valores, como o ideal de autonomia. É um tempo de transição, cuja duração é misteriosa. (CALLIGARIS, 2000)

Os pontos acima citados serão explanados mais sucintamente no decorrer desse artigo, contemplando conceitos e características pertinentes a eles. Também serão descritos aspectos em relação a experiência de estágio dentro do grupo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, os temas trabalhados, a forma com que foram abordados e assuntos pertinentes observados nos encontros. É disso que será tratado no decorrer desse artigo.

2. CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS

De acordo com a Secretaria da Família e do Desenvolvimento Social, o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, é o lugar em que a comunidade possui o

primeiro contato com os serviços oferecidos pela Assistência Social. Dessa forma “é uma unidade pública municipal, localizada prioritariamente em áreas com maiores índices de vulnerabilidade e risco social, onde são ofertados ações e serviços de proteção social básica, com o objetivo de fortalecer a convivência familiar e comunitária.” (SECRETARIA DA FAMÍLIA E DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL)

O centro de referência de assistência social – CRAS, é uma unidade descentralizada da política de assistência social. Essa esfera é responsável por ordenar e disponibilizar os serviços oferecidos pelo Sistema Único de Assistência Social – SUAS, esses que dão suporte quando há risco e vulnerabilidade social na região qual atende. “É um local público, localizado prioritariamente em áreas de maior vulnerabilidade social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade.” (MDS, 2015, s/p)

O CRAS, sendo um serviço público oferecido pelo SUAS, tem papel crucial na garantia de que os serviços de proteção básica socioassistenciais sejam desenvolvidos de forma efetiva. “Estes serviços, de caráter preventivo, protetivo e proativo, podem ser ofertados diretamente no CRAS, desde que disponha de espaço físico e equipe compatível.” (MDS, 2009, p.9)

A oferta dos serviços no CRAS deve ser planejada e depende de um bom conhecimento do território e das famílias que nele vivem, suas necessidades, potencialidades, bem como do mapeamento da ocorrência das situações de risco e de vulnerabilidade social e das ofertas já existentes. (MDS, 2009, p.9)

3. SERVIÇO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS – SCFV

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos refere-se a um serviço de Proteção Social Básica do SUAS, que foi regulamentado Pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Esse serviço atende os usuários com o intuito de auxiliar e complementar o trabalho social que é oferecido pelo Serviço de Proteção Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos (PAEFI) e o Serviço de Proteção Integral a Família (PAIF). (MDS, SNAS, DPSB, 2017)

O SCFV, estrutura-se em grupos, a fim de que haja a troca de vivências e culturas entre os usuários do serviço, para que assim os integrantes do grupo possam se sentir pertencidos e possuam uma identidade dentro do mesmo. (MDS, 2016).

O SCFV é composto por um conjunto de serviços que são realizados com grupos de pessoas, compreendendo o ciclo de vida dessas, buscando complementar as ações sociais realizadas com as famílias, prevenindo a ocorrência de situações na qual haja risco social. “Além disso, o SCFV fortalece as relações familiares e comunitárias e promove a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva.” (SECRETARIA DA FAMÍLIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL)

Os objetivos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos são o de prevenir e proteger os sujeitos que fazem o uso do serviço, quando esses estão em risco de violação de direitos, assim fortalecendo os vínculos comunitários e familiares. Dessa forma:

O serviço tem como objetivo fortalecer as relações familiares e comunitárias, além de promover a integração e a troca de experiências entre os participantes, valorizando o sentido de vida coletiva. O SCFV possui um caráter preventivo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades dos usuários. (SECRETARIA ESPECIAL DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2015, s/p)

As funções e os objetivos gerais do SCFV, de acordo com o caderno de perguntas do MDS, SNAS, PNAS, são: possibilitar o acesso a informações sobre direitos, complementar o trabalho socioassistencial, oportunizar o acesso a experiências culturais e artísticas, possibilitar o acesso a programas de atendimento social, educacional, de saúde, esporte e lazer, assegurar o direito à vida e a convivência familiar e comunitária. (MDS, SNAS, PSAS, 2017)

5. A ADOLESCÊNCIA

Segundo a autora Corso (2004), a adolescência é um período movimentado, cheio de crises, luto e de desestruturação. Tentando tratar a gênese desse período da vida, sabe-se que é um processo contínuo, que acompanha a própria origem do sujeito, não sendo um acontecimento eruptivo e desesperado.

Para o autor Calligaris (2000), a adolescência é um tempo de assimilar os valores mais banais, que são compartilhados na comunidade, fase em que o corpo chega a maturação necessária para que possa se consagrar efetivamente as tarefas que lhes são apontadas por esses valores, competindo assim, de igual para igual com todos, apesar de seu corpo e seu espírito estarem prontos para a competição, não é reconhecido como adulto.

Jerusalinsky (2004), discorre que definir a adolescência por uma coordenada temporal é um modo de simplificar, que não assume aquilo que normalmente conceitualizamos como adolescência. A adolescência é um estado independente da idade. Estado de indecisão, não sendo um estado pacífico, mas sim de instabilidade visível, perceptível, não sendo marcado pelo equilíbrio e nem pela tranquilidade, pelo contrário, é um estado turbulento.

5.1 Sexualidade na adolescência

Aberastury (1992), relata que a evolução do auto-erotismo à escolha de objeto, acontece na adolescência, e tem uma oscilação permanente entre a atividade masturbatoria e os começos do exercício genital. O adolescente ao ir aceitando a sua genitália, começa também o início da busca do parceiro, de maneira tímida, porém intensa. Período em que os contatos superficiais começam, os carinhos, que enchem a vida sexual do adolescente.

De acordo com a autora Aberastury (1992). “As mudanças biologicas da puberdade impões a sexuidade genital ao individuo e intensificam a urgência do luto pelo corpo infantil perdido, o que implica também o sexo perdido”.

Na segunda metade do primeiro ano de vida, a criança verifica a sua identidade sexual, e através do jogo, tenta elaborar a situação traumática que significa a perda do outro sexo, recuperando-o de um modo simbólico através de objetivos. Na puberdade, a definição de sua capacidade criativa marca uma nova definição de sua capacidade criativa marca uma nova definição sexual na procriação, já

que seus órgãos genitais não só aceitam a união, como também a capacidade de criar. Na adolescência, tende-se recuperar infrutuosamente o sexo perdido, mediante a masturbação, que é uma negação onipotente desta perda. (ABERASTURY, 1992, p. 85, 86)

5.2 Édipo, latência e puberdade

Freud (1905), afirma que com a chegada da puberdade:

Introduzem-se as mudanças que levam a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora, encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independendo umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital (FREUD, 1905, p. 126).

Para Calligaris (2000), o começo da adolescência é facilmente observável, pois se trata de muitas mudanças fisiológicas produzida pela transformação do corpo do jovem, que adquire as funções e as características do corpo adulto, isso se dá pela puberdade, ou seja, pelo amadurecimento dos órgãos sexuais.

Freud (1905):

Escolheu-se o que mais se destaca nos processos da puberdade como o que constitui sua essência: o crescimento manifesto da genitália externa, que exibirá, durante o período de latência da infância, uma relativa inibição. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos genitais internos avançou o bastante para que eles possam descarregar produtos性uais ou, conforme o caso, recebê-los para promover a formação de um novo ser vivo. Assim ficou pronto um aparelho altamente complexo, à espera do momento em que será utilizado. (FREUD, 1905, p. 127)

A autora Aberastury (1992), considera que o início da adolescência só é possível, quando ocorre o processo de desprendimento da condição de criança, ou seja, o adolescente elabora o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. O momento é crucial, cheio de mudanças psicológicas, mudanças corporais, que os levam a ter outra relação com os seus pais e com o mundo, tornando uma etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento.

Corso (2004), define o amor com um espaço propício em que cada um elabora o que é necessário para garantir sua existência, seja exercício ou fantasia. Na adolescência o amor ensina sobre a necessária da elaboração do sintoma infantil que é

crescer, que é partir para o vazio de cada um e da inadequação para preencher. O amor é a arte de descobrir e negar, o eterno desencontro, o motor da vida, e o encontro perfeito seria mortífero, pois depois dele nada haveria a desejar.

Cada momento de elaboração - considerando assim o período edípico, a latência e a puberdade - vai deixando ganchos para que o sujeito os use mais adiante. O momento ilustrado nas histórias infantis como do retiro na floresta (às vezes surge sob a forma de uma grande viagem) é aquele em que o sujeito começa a tentar alguma forma de síntese, de arrumar a bagagem para sua mudança para dentro do seu sexo. É com os restos, pendências, que se dá corpo ao anunculado sexo e a adolescência é momento de pô-lo em prática, o momento de um ato. (CORSO, 2004, p.132)

5.3 Identidade na adolescência

As mudanças, incluindo a perda da identidade de criança, leva a busca de uma nova identidade, que vai se construindo em um plano consciente e inconsciente. (ABERASTURY, 1992)

A perda que o adolescente deve aceitar ao fazer o luto pelo corpo é dupla: a de seu corpo de criança, quando caracteres sexuais secundários colocam-no ante a evidência de seu novo status e a do aparecimento da menstruação na menina e do sêmen no menino, que lhes impõem o testemunho de determinação sexual e do papel que terá que assumir. (ABERASTURY, 1992, p. 82)

Segundo Aberastury (1992), quando o adolescente é capaz de aceitar as mudanças de seu corpo, começa a surgir a sua nova identidade. Esse longo processo de identidade ocupa grande parte de sua energia. O adolescente se apresenta de vários personagens diferentes, que poderia dar dele versões totalmente contraditórias, sobre sua maturidade, sua bondade, sua capacidade, seu comportamento, sua afetividade e, inclusive, num mesmo dia, sobre seu aspecto físico. As flutuações de identidade tem mudanças bruscas, com notáveis variações nas vestimentas.

Para Erikson (1972), a identidade acarreta em definir quem a pessoa é. O autor entende que identidade é uma concepção de si mesmo, composta de crenças, valores e metas com os quais o indivíduo está comprometido.

5.4 Relação grupal do adolescente

Segundo Aberastury (1992), coloca que o adolescente em sua busca de identidade, recorre como comportamento defensivo à busca de uniformidade, como estima pessoal e segurança.

Aí surge o espírito de grupo pelo qual o adolescente mostra-se tão inclinado. Há um processo de superidentificação em massa, onde todos se identificam com cada um. Às vezes, o processo é tão intenso que a separação do grupo parece quase impossível e o indivíduo pertence mais ao grupo de coetâneos do que ao grupo familiar. Não se pode separar de turma nem de seus caprichos ou modas. Por isso, inclina-se às regras o grupo, em relação a modas, vestimenta, costumes, preferências de todos os tipos, etc. (ABERASTURY, 1992, p 36, 37)

Aberastury (1992), o grupo serve para que os seus integrantes atuem de maneira opositora às figuras parentais de maneira ativa, determinando assim uma outra identidade diferente do meio familiar. “No grupo, o indivíduo adolescente encontra um reforço muito necessário para os aspectos mutáveis do ego que se produzem neste período da vida.” (ABERASTURY, 1992, p 37)

Aberastury (1992), afirma que o fenômeno grupal, de eleger um líder, para se submeter, vem para exercer o poder de pai ou da mãe, demonstrando assim, a transferência ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha na estrutura familiar.

6. METODOLOGIA

Os dados presentes nesse artigo foram obtidos a partir da experiência do estágio básico de práticas grupais das alunas do 7º período do curso de Psicologia, no qual, puderam conduzir um grupo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, com adolescentes, esses que são usuários do Centro de Referência de Assistência Social, e estão lá por serem sujeitos que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Também foram colhidos dados através de pesquisas bibliográficas, livros, artigos, e cartilhas.

6.1 O grupo e os participantes

O grupo do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos ocorrem todas às segundas-feiras, no Centro de Referência de Assistência Social, na sala de grupos.

O público atendido são adolescentes de 12 á 14 anos. São sujeitos que se encontram em um meio social vulnerável. O número de participantes varia a cada encontro, normalmente são entre 5 a 10 participantes.

Dentro dos encontros foram trabalhados diversos assuntos, como por exemplo: vínculos, identidade, relações familiares, sexualidade, direitos e deveres, preconceitos e bullying, educação e escolarização, prevenção ao suicídio, trabalho em equipe, entre outros. Foram utilizados diversas maneiras para trabalhar os temas, atividades, discussões, textos, notícias, dinâmicas, vídeos, jogos, slides, filmes e músicas.

7. ANÁLISE E DISCUSSÕES

Os adolescentes relataram várias situações que eles mesmos vivenciaram, familiares ou conhecidos. Situações essas que remetem a algum tipo de violência e/ou vulnerabilidade social. Houveram relatos de bullying e preconceitos; violência familiar, tanto para com os próprios adolescentes quanto com a mãe e irmãos; tentativas de suicídio cometidas por amigos e participantes do grupo; automutilação; abuso sexual; estupro. Além do relatado pelos adolescentes foi possível perceber demais aspectos, como a dificuldade de trabalhar em equipe, a falta de empatia de um para com o outro no sentido de não respeitar o colega quando este quer falar, a dificuldade de se expressar da forma desejada, a relação com os amigos e colegas na escola, grupos e oficinas dos quais fazem parte, a dificuldade e vergonha ao precisarem se posicionar diante da comunidade/sociedade.

Para a criação de vínculos com os adolescentes construímos o baú do segredo, esse que simbolicamente representava o sigilo e a confiança que construiríamos ao longo dos encontros. Logo no primeiro encontro os adolescentes entenderam e consentiram com a proposta. Estabelecemos um vínculo bacana, pautado no respeito e sigilo. Desde então eles sentiram-se sempre a vontade para partilhar vivências e aspectos particulares da vida, algumas vezes com todos os participantes do grupo, outras vezes apenas com a dupla de estágio.

Quanto ao respeito às diferenças, e os desconfortos gerados pela falta de assertividade com os colegas, foram utilizados filmes para fomentar a discussão sobre o assunto. Em relação ao respeito das diferenças foi trabalhado o filme “Preciosa - uma

história de esperança”, os aspectos que foram bastante pontuados pelos adolescentes foi o bullying sofrido pela protagonista, bem como, a violência que sofria dentro de sua casa: física e verbal por parte da mãe e sexual por parte do padrasto. Houveram vários relatos de situações parecidas que foram presenciadas ou sofridas pelos participantes do grupo.

A partir dos relatos nos quais os adolescentes expuseram sobre vários tipos de violência sejam elas ocorridas na família, na escola ou em outros ambientes, aspectos sobre as relações familiares, foi possível levantar demandas e elaborar vários temas para abrir algumas discussões e reflexão em relação a esses aspectos. O ambiente vulnerável e o contexto social no qual os adolescentes se encontram é propício para que ocorram violências. Visto que a assistência social lida com situações como essas e oferece serviços que são prestados para a promoção de qualidade de vida e estabelecimento de vínculos familiares e comunitários. Segundo dados do Ministério dos Direitos Humanos e Ministério da Saúde, no ano de 2011 o número de atendimentos a crianças e adolescentes por violência na faixa etária de 01 a 19 anos foi de 39.281. O número de atendimentos por violência a crianças e adolescentes, em cada 100 mil habitantes nas faixas etárias de 10 á 14 anos foram 3.260 (32,1%) sexo masculino e 6.895 (67,9%) sexo feminino.

Sobre as relações familiares foram trabalhados os tipos de famílias, e os adolescentes puderam conhecer a diversidade de modelos existentes hoje, e pensar sobre a constituição da sua. Através das conversas expuseram os aspectos positivos e negativos das relações que vivenciam e os vínculos familiares, relatando assim, com quem tinham mais afinidade e com quem menos. Discutimos com o grupo a importância da família como o primeiro grupo no qual fazemos parte, onde aprendemos muitos valores que repetimos após em grupos secundários, como a escolas e amigos. Foi possível perceber, no decorrer dos encontros que a maioria dos adolescentes possuem dificuldades quanto ao tema, e apresentaram algum tipo de conflito familiar, seja com irmãos, mãe, pai, padrasto, tios. Uma vez que esses conflitos são típicos da fase, visto que na adolescência esses conflitos se acentuam por serem acompanhados de mudanças, desconstrução, assimilação de valores nos quais o adolescente busca competir de igual para igual com todos.

Outro assunto abordado, foi a identidade. O movimento de transformações que os adolescentes estavam vivenciando, a autora Aberastury justifica como sendo o período de mudanças, pois é o momento de perda da identidade infantil e a construção de uma nova, o que torna esse um dos processos mais importante e complexos desse período. Pudemos perceber pelos discursos dos adolescentes, que hora se identificam com algo, alguém, um grupo, ideias e pensamentos e em outro momento essa identificação demonstrava não ser tão válida, a autora Aberastury discorre que o adolescente se apresenta de vários personagens diferentes, que poderia dar dele versões totalmente contraditórias, o que justificaria essa constante flutuação e discordâncias nas identificações, o que afirma que a busca de identidade está ocorrendo. Foi oportunizado momentos de discussões com os adolescentes sobre a formação da identidade, trazendo reflexões para que pudessem pensar em si mesmo, em suas crenças e valores, pois segundo o autor Erikson, esse processo acarreta em definir quem a pessoa é.

Em relação ao suicídio foram levantadas discussões e reflexões sobre o tema. Os adolescentes trouxeram a roda de conversa colegas que se automutilam e situações nas quais eles também o fizeram, inclusive casos em que familiares ou pessoas conhecidas cometem suicídio. Com a entrega dos folders a comunidade várias pessoas ao ouvirem falar do tema relataram situações em relação a isso, o que chamou bastante atenção dos adolescentes. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos, adolescentes entre 13 a 18 anos, 60,9% daqueles que já pensaram em suicídio 58,1 efetivamente tentaram tirar sua própria vida. Esse percentual é mais de dez vezes superior ao descrito por jovens em situação de vulnerabilidade no Brasil, cerca de 6%.

Foram realizadas atividades que fomentavam o trabalho em equipe bem como a importância de cada integrante para a realização de atividades do dia a dia em todos os contextos em que estão inseridos. Na grande maioria das vezes as atividades propostas só eram possíveis de executar com a participação do grupo todo. Visto que a adolescência é um momento na qual há a identificação dos sujeitos e a formação de grupos, logo, o trabalho em equipe se refere a saber viver em grupo, a importância de estabelecer vínculos e uma boa relação com as pessoas que fazem parte desses grupos.

Essas intervenções foram desenvolvidas através das demandas levantadas e trabalhadas em grupo e são um mecanismo, recurso, para fortalecer vínculos e contribuir para a sua autonomia enquanto sujeito, tomando consciência de seus direitos e deveres, como cidadãos sociais.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É visto, ao decorrer desse artigo, que a adolescência é um período de movimentação contínua, na qual o sujeito passa da infância para idade adulta, não sendo um acontecimento eruptivo e desesperado. As mudanças ocorrem, e o adolescente se depara com muitas alterações em seu corpo, passando por período de luto pelo seu corpo infantil, para assim, construir uma nova identidade.

Diante do grupo de adolescentes, inicialmente o mais importante foi estabelecer o vínculo, para que conseguíssemos desempenhar as atividades, pois sem a relação nada seria possível. Foram feitos encontros com temas levantados pelas demandas observadas, sempre abrindo espaço para a fala de cada um, oportunizando que se colocassem, e que compreendessem a si e notassem as suas mudanças, e a sua identidade.

Entretanto todas as intervenções, sejam elas por dinâmicas, filmes ou diálogos foram visando trabalhar a autonomia dos adolescentes e instrumenta-los, para que cada um, do seu modo, consiga dar uma melhor saída as suas relações e convivência fora do espaço do CRAS, visto que são frequentemente cobrados, pois hoje a adolescência é marcada também como um período de assimilar valores compartilhados em comunidade, sendo apontados cada vez mais tarefas para serem cumpridas e uma constantemente exigências de igual para igual com todos, porém sem ser reconhecidos como adultos.

A experiência de estágio foi importante e extremamente válida, pois dessa forma foi possível perceber as mudanças que ocorrem na fase da adolescência. Além disso, se tratando de um público vulnerável é notório as situações e aspectos que em sua grande maioria remetem a violência e que estão presentes do dia a dia dos adolescentes, e como esses implicam nas relações quais fazem parte, seja na família, escola ou comunidade.

9. REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal.** 1981. Artes Médicas: Porto Alegre.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS); Secretaria Nacional de Assistência Social (SNAS); Departamento de Proteção Social Básica (DPSB). **PERGUNTAS FREQUENTES: Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).** 2017. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_032017.pdf>. Acesso em: 07 de abr. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS. **CADERNO DE ORIENTAÇÕES: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos: Articulação necessária na Proteção Social Básica.** 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/cartilha_paif_2511.pdf> Acesso em: 23 de mar. 2019.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Secretaria Nacional de Assistência Social – SNAS. **CADERNO DE ORIENTAÇÕES: Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família e Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos: Articulação necessária na Proteção Social Básica.** 2016. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/arquivo/assistencia_social/cartilha_paif_2511.pdf> Acesso em: 23 de mar. 2019.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Sistema Único de Assistência Social, Proteção Social Básica. **Orientações Técnicas Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.** 2009. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf>. Acesso em 23 de mar. 2019.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social. **Centro de Referência de Assistência Social – CRAS.** 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>>. Acesso em: 23/03/2019.

BRASIL, Secretaria da Família e Desenvolvimento Social. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV).** Disponível em:<<http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/pagina-1277.html>>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

CALLIGARIS, Cotardo. **A adolescência.** 2000. 1ª Edição. Editora Publifolha.

COSTA, Ana. GIONGO, L. A. BECKER, L. A. KESSLER, H. C. BACKES, C. HOHENDORFF, V. M. C. CORSO, L. M. D. TAVARES, E. E. RIBEIRO, M. E. MELLO, D. D. E. RASSIAL, J. J. RAMOS, N. L. MESS, A. L. OLIVEIRA, D. L. F. L. POLIC. M. RUFFINO, R. RILHO, V. **Adolescência e Experiências de Borda.** 2004. 1ª Edição. Editora da UFRGS, Porto Alegre.

DANTAS, M. N. **Adolescência e Psicanálise: uma possibilidade teórica.** 2002. Disponível em <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2006-12-21T133243Z-60/Publico/Nara%20Dantas.pdf>. Acesso em: 07 de abr. 2019.

FERREIRA, S. H. T; FARIA, A. M; SILVARES M. D. F. E. **A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório.** 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17240.pdf>>. Acesso em: 24 de mar. 2019.

FREUD, S. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos.** 1901-1905. Editora Imago.

MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. **Violência contra Crianças e Adolescentes: Análise de Cenários e Propostas de Políticas Públicas.** 2018. Disponível em: <<https://www.mdh.gov.br/biblioteca/consultorias/conada/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas.pdf>>. Acesso em: 30 de abr. 2019.

Secretaria da Família e do Desenvolvimento Social. **Centro de Referência de Assistência Social – Cras.** Disponível em: <<http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/pagina-613.html>>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

Secretaria especial do desenvolvimento social. **Convivência e fortalecimento de vínculo.** 2015. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servicos-de-convivencia-e-fortalecimento-de-vinculos>>. Acesso em: 23 de mar. 2019.

SEI, M. B; ZUANAZZI, A. C. **A Clínica psicanalítica com adolescentes: considerações sobre a psicoterapia individual e a psicoterapia familiar.** 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000200006>. Acesso em: 07 de abr. 2019.